

EDITORIAL

Conheci o Gabriel Henrique da Silva em 1991, quando era chefe do Setor de Meio Ambiente do Centro de Pesquisas da Petrobras e eu tentava conseguir uma Bolsa de mestrado para uma orientanda minha para um projeto de morfodinâmica costeira numa área de erosão severa nas proximidades de Macaé. Cordial, brincalhão, e com uma memória ágil, que tanto lhe permitia *pescar* com precisão um documento no interior do amontoado de papeis, que se juntava na sua mesa, como se lembrar com detalhes das características de trechos mapeados ao longo da costa. O Gabriel percebeu logo que a abordagem geomorfológica era um elemento importante na formulação do projeto, o que fez com que se estabelecesse uma parceria a geomorfologia costeira e a adaptação metodológica. Esta se cristalizou por ocasião de sua visita à NOAA, em 1993, quando tomou contato com mapas de sensibilidade a derrames de óleo baseados na metodologia de Gundlach e Hayes de 1970. Tomou forma mais definida, em 1996, na sua Tese de Doutorado sobre *percepção ambiental da atuação da indústria do petróleo no litoral brasileiro*, com a publicação de uma tabela de *índices de sensibilidade ambiental ao petróleo e seus derivados e características do litoral*.

No período entre a visita à NOAA e a publicação de sua tese, uma série de atividades foram realizadas com o objetivo de ajustar a classificação às condições tropicais do litoral brasileiro. Pôde, neste período, contar com a participação da Solange Irene de Araújo, bióloga transferida para o setor em 1994, e que se motivou imediatamente com a abordagem proposta, vindo mais tarde, com a aposentadoria do Gabriel, a continuar com a coordenação desta atividade. Para adaptar a metodologia às condições brasileiras foi necessária a tradução e ajuste da terminologia e dos índices de sensibilidade às feições geomorfológicas da orla costeira. Para estes últimos foram realizadas reuniões com biólogos, oceanógrafos e geógrafos para a definição dos pesos das diferentes variáveis definidoras dos índices até o estabelecimento definitivo. O exercício de hierarquização das feições e sua comparação com os índices de sensibilidade ambiental da NOAA, deram origem, em dezembro de 1998, à Comunicação Técnica, *hierarquização preliminar de feições costeiras brasileiras em função da sua sensibilidade a derrames de óleo*. Nessa mesma época foi estabelecida uma parceria com a empresa Tecgraf, da PUC-Rio, para o desenvolvimento de um programa de computador para

o registro dos dados obtidos e seu subsequente mapeamento.

Os aspectos biológicos e socioeconômicos da metodologia foram contemplados com adaptações à nossa realidade, sempre contando com a participação de componentes da comunidade científica.

Dando continuidade ao aperfeiçoamento da metodologia, foi incorporado à equipe o Dr. Paulo Menezes, Engenheiro Cartógrafo do Departamento de Geografia da UFRJ e o Programador Visual Roberto Corrêa da Silva. O primeiro para garantir a qualidade da cartografia básica, subjacente aos mapas de sensibilidade, considerando-se que esses podem ser associados a outros mapas temáticos ou inseridos em aplicativos, tais como sistemas informatizados de emergência. O segundo, para a obtenção de mapas com melhor comunicação visual dos aspectos da sensibilidade ambiental.

O primeiro trabalho de campo foi realizado no litoral de Sergipe, em 1999, por solicitação da Unidade de Produção da Petrobras, naquele Estado, para a geração de um mapa de sensibilidade para fins de licenciamento ambiental. Representou o primeiro exercício prático que resultou no aprimoramento das planilhas de campo e no próprio aprimoramento das atividades de campo.

Em 2000 foi encaminhado, ao Ministério do Meio Ambiente, a primeira versão do *Manual Básico para Elaboração de Mapas de Sensibilidade Ambiental no Sistema Petrobras*. O mesmo serviu de base, ao Ministério, para a publicação das *Especificações e Normas Técnicas para a Elaboração de Cartas de Sensibilidade Ambiental para Derramamentos de Óleo*.

Nos últimos anos vários levantamentos vêm sendo feitos ao longo do litoral utilizando a metodologia adaptada da NOAA, tanto pela própria Petrobras nas suas áreas de atuação quanto por solicitação da Ministério do Meio Ambiente com significativa atuação de equipes de pesquisadores de várias Universidades e empresas privadas. O sensoriamento e o geoprocessamento vêm sendo usados de modo crescente, as escalas de mapeamento foram ampliadas para três escalas de detalhamento crescente, incluindo Mapas Estratégicos, Táticos e Operacionais, mas a metodologia básica, adaptada no âmbito da Petrobras, continua norteando os mapeamentos, conforme mostram os resultados apresentados na presente publicação.

Dieter Muehe